

da Escola na Transformação do Habitat Nordestino”; “Pareceres”; “João Ribeiro” (conferência); “Pequena Introdução ao Estudo do Direito Comparado”.

Estando em Brasília, a negócios particulares, ali faleceu, a 23 de junho deste ano.

Perboyre e Silva era membro da Academia Cearense de Letras. Ocupava a Cadeira n.º 33, cujo Patrono é Rodolfo Teófilo.

J.V.

M Á R I O L I N H A R E S

Com o falecimento de Mário Linhares, ocorrido no Rio de Janeiro na noite de 15 de dezembro de 1965, perdeu o Ceará uma das suas maiores figuras literárias.

Foi o extinto um notável poeta, historiador literário de reconhecidos méritos e genealogista dedicado e consciencioso.

Nascido em Fortaleza, na rua General Sampaio, n.º 697 (atual), do consórcio do jornalista Vicente Alves Linhares com D. Amália Vieira Linhares, teve a desventura de perder bem cedo o seu genitor. Colocado sob a proteção do tio paterno, Cel. Francisco Alves Linhares, estudou no Partenon Cearense, do prof. Lino da Encarnação, foi caixeiro da Farmácia Pasteur, freqüentando à noite as aulas da Fênix Caixeiral, e ingressou nos quadros do Ministério da Fazenda, onde galgou altos postos, tornando-se ao mesmo tempo um homem de letras, em cujo campo conquistou justa fama no País.

Redatoriu, nesta capital, as revistas *Fortaleza*, com Joaquim Pimenta, Genuíno de Castro, Raul Uchoa e Jaime de Alencar, e *A Jangada*, em companhia de Liberato Nogueira, José Gil Amora, Ulisses Bezerra e outros.

Exerceu intensa atividade beletrística no Recife, fundando ali com Raul Monteiro, Costa Rêgo Júnior, Silva Lobato e Agripino da Silva a revista *Heliópolis*, nos dias juvenis. Em Belém do Pará, na mesma fase da vida, destacou-se pelo seu talento e dedicação à literatura.

Desempenhou no Ceará as funções de Delegado Fiscal, servindo depois em outras unidades da federação como funcionário fazendário, inclusive na antiga capital da República.

A poesia foi o seu grande ideal. *Florões*, *Evangelho Pagão*, *Contas Sem Fio*, *Poesias*, *Ascensão*, primorosos livros de versos, que mereceram elogios de expoentes da cultura literária do Brasil e de Portugal, são as jóias rimadas e metrificadas que legou à posteridade.

Possuidor de um nobre coração, muito sensível aos fatos da vida dos idealistas que se dedicam à arte de Dante e de Camões, retratou muitos deles, através de prosa escorreita e agradável, nas páginas dos livros *Gente Nova*, *Semeadores* e *Poetas Esquecidos* e dos opúsculos *Mendes Martins* e *A Poesia de Carlos Sá*.

A sua *História Literária do Ceará* é obra valiosa, como trabalho informativo e de sentido crítico.

Vários são os folhetos que lançou à publicidade sôbre genealogia de famílias cearenses.

Na Academia Cearense de Letras, onde ocupava a Cadeira patrocinada por Clóvis Beviláqua, de quem fez o erudito e comovido elogio, exerceu o pôsto máximo de Presidente e foi diretor da sua afamada revista. Pertencia, também, ao Instituto do Ceará, na qualidade de sócio correspondente.

A Academia Carioca de Letras e a Federação das Academias de Letras do Brasil, que se beneficiaram com o seu convívio, receberam do saudoso cearense uma inestimável colaboração.

O Ceará foi sempre objeto do amor mais profundo e sincero de Mário Linhares, que aqui desejou viver os seus últimos dias e dormir o sono eterno. Os seus poemas mais belos e delicados refletem essa imensa afeição e uma constante saudade da terra natal.

O corpo do nosso inolvidável conterrâneo foi sepultado no Cemitério São João Batista, da Cidade — Estado da Guanabara.

Deixou Mário Linhares viúva D. Angélica Quixadá Linhares, distinta pianista cearense, e três filhos, Comandante Flávio Linhares, ilustre oficial da Marinha de Guerra, Mário Linhares Filho, funcionário autárquico e radialista e senhora Ivone Linhares, da imprensa carioca.

O nome de tão distinto e prestimoso companheiro jamais será esquecido neste sodalício, que era o de sua predileção, na Terra da Luz.

M. A. A.